

v. 23, n. 1/2, 2007

Humanitas

*D*iálogo *C*om *O*távio Velho

UFPA - IFCH

Reitor:

Alex Bolonha Fiúza de Mello

Vice-Reitora:

Regina Fátima Feio Barroso

Pró-Reitora de Administração:

Simone Andréa Lima do Nascimento Baía

Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal:

Sibele Maria Bitar de Lima Caetano

Pró-Reitor de Ensino e Graduação:

Licurgo Peixoto Brito

Pró-Reitora de Extensão:

Ney Cristina Monteiro de Oliveira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Roberto Dall'Agnol

Pró-Reitor de Planejamento:

Sinfrônio Brito Moraes

Prefeito do Campus:

Luiz Otávio Mota Pereira

Humanitas

Diálogo *Com* *Otávio Velho*

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Maria de Nazaré dos Santos Sarges

Diretor-Adjunto: João Márcio Palheta da Silva

Editor: João Márcio Palheta da Silva

Conselho Editorial:

Alvaro Tamayo (Universidade de Brasília, Brasil), Benedito Nunes (Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil), Claudia Fonseca (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil), Déa Ribeiro Fenelon (Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, Brasil), Eduardo Brondízio (Indiana University, Blomington, EUA), Ilka Bichara (Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Brasil), Luiz Marcelino de Oliveira (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, Brasil), Maria Alice R. de Carvalho (IUPERJ, Rio de Janeiro, Brasil), Mark Harris (University of St. Andrews, Escócia), Mercedes Villanova (Universidade de Barcelona, Espanha), Monique Augras (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, Brasil), Priscila Faulhaber (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Brasil), Regina Novaes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil), Rosa Elizabeth Acevedo Marin (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, Brasil), Serge Gruzinski (École de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, França), Stephen Nugent (London School of Economics and Political Science, Londres, Inglaterra), Vera Bussab (Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil), William Balée (Tulane University, New Orleans, EUA).

Comissão Editorial:

João Márcio Palheta da Silva (Coordenador), Alzira Rosa F. de Almeida (Divisão de Documentação), Maria Aparecida S. Pimentel e Carlos Alexandre Leão Bordalo (Geografia), Ana Maria Digna Rodrigues de Souza (Psicologia Clínica), Maurício Rodrigues de Souza (Psicologia Social e Escolar), Roberto de Almeida Barros e Nelson Souza (Filosofia), Maria Dolores da Silva (Sociologia), Alberto Teixeira da Silva (Ciência Política), Raymundo Heraldo Maués e Wilma Marques Leitão (Antropologia), Marcelo Quintino Galvão Baptista (Psicologia Experimental), Fernando Arthur de Freitas Neves e José Maria Bezerra Neto (História).

Normalização Técnica: Alzira Rosa F. de Almeida

Revisão dos originais: Maria de Nazaré M. da Silva

Editoração eletrônica: Carlos Alexandre Santos da Silva

Projeto gráfico: Carlos Alexandre Santos da Silva

Endereço: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFPA

Rua Augusto Corrêa, n. 1 - Campus Universitário - Guamá - Belém - Pará - Brasil

CEP: 66075-900 ☎: (091) 3201-7335 - Fax: (091) 3201-7604/3201-7449

E-mail: public.cfch@ufpa.br

Tiragem: 500 exemplares Períodicidade: Semestral

Biblioteca Setorial do IFCH, Belém - PA.

Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal do Pará. - n. 1 (dez. 1980) - v. 13, n.1/2 (jan./dez. 1994). - Belém : O Centro, 1980 - 1994.

13 v.

Semestral

ISSN 0102-9231

Continuada por: Humanitas - ISSN 0104 - 9585

1. Filosofia - Periódicos. 2. Ciência Política - Periódicos. 3. Sociologia - Periódicos. 4. Antropologia - Periódicos. 5. Geografia - Periódicos - 6. História - Periódicos. 7. Metodologia - Periódicos. 8. Psicologia - Periódicos. I. Universidade Federal do Pará. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD 105

DOSSIÊ Diálogo com Otávio Velho

DOSSIÊ DIÁLOGO COM OTÁVIO VELHO

O seminário *Fronteiras na Amazônia: 40 anos de diálogo com Otávio Velho*, realizado nos campi de Belém e Marabá entre os dias 21 e 24 de agosto de 2006, apropriou-se da contribuição de **Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho**, autor dos mais significativos para as Ciências Sociais no Brasil, especialmente, por e para aqueles que vivem e trabalham na Amazônia.

Otávio graduou-se em Ciências Políticas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) em 1964, fez mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1970, defendendo a dissertação *Frontes de expansão e estrutura agrária*, cujo trabalho empírico foi realizado na Região Sudeste do Pará. Em 1973, doutorou-se em Sociologia pela University of Manchester com o trabalho *Capitalismo autoritário e campesinato*, mais tarde, em 1981, realizou pós-doutorado na Stanford University. É emérito professor titular da UFRJ, onde continua a exercer a docência recriando o fazer acadêmico. A experiência na área da Antropologia, com ênfase em Antropologia da Religião, permitiu-lhe acesso a inúmeras instituições nacionais, discutindo tema que o senso comum crê indiscutível. Para os estudiosos do campesinato e do capitalismo na Amazônia, os trabalhos do autor são leitura obrigatória. Falar do homenageado, hoje, é pensar em pesquisador *sênior* do CNPq e dirigente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), portanto uma referência no País.

Publicar dossiê contendo trabalho de Otávio e seus diversos comentadores é oferecer *régua e compasso* para o cotidiano acadêmico, além de ser um privilégio rever, com o próprio autor, uma obra indispensável para pensar a Amazônia que precisa de *Besta-Fera: recriação do mundo*, para reinventar o dia-a-dia no embate, ainda, colonial.

Boa leitura!

João Márcio Palheta da Silva
Editor de *Humanitas*

Jane Felipe Beltrão
Organizadora do Volume

SUMÁRIO

DOSSIÊ Diálogo com Otávio Velho

CONVERSAS SEM FIM NOS CONFINES DO COMEÇO Gutemberg Armando Diniz Guerra & Jane Felipe Beltrão	7
MARABÁ, RÉGUA E COMPASSO Otávio Velho.....	13
EM TEMPO DE FRONTEIRA: 40 ANOS DE LEITURAS Delma Pessanha Neves.....	33
COLONIALISMO INTERNO, FRONTEIRA, CAMPESINATO E A MUDANÇA DE PARADIGMA NA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970 Raymundo Heraldo Maués.....	53
DA MICRORREGIÃO DE MARABÁ AO TERRITÓRIO DO SUDESTE DO PARÁ: EXERCÍCIO DE LEITURA DA DINÂMICA AGRÁRIA REGIONAL Lívia Navegantes Alves & Luiza de Nazaré Mastop-Lima.....	65
POVOS INDÍGENAS NA FRONTEIRA EM MOVIMENTO Jane Felipe Beltrão.....	79
PERSONAGENS E AGENTES NAS FRENTES DE EXPANSÃO Gutemberg Armando Diniz Guerra.....	97
Resumos/Abstracts.....	109
Normas para publicação.....	115

CONVERSAS SEM FIM NOS CONFINES DO COMEÇO

A vinda de Otávio Guilherme Alves Velho a Belém e Marabá, quarenta anos após seus trabalhos iniciais na profissão de antropólogo, apresenta-se como uma conversa em que os assuntos vão desfiando a trama do Sul e Sudeste do Pará para tornar-se região ao mesmo tempo em que agentes sociais são dados a conhecer pelo livro de Otávio – hoje amarelecido e raro – manuseado que foi por gerações de estudiosos das transformações do dinâmico espaço da fronteira. Em sua obra os agentes sociais são identificados de forma diversa como integrantes do campesinato, engajados nas atividades de mineração, no duro trabalho da siderurgia, como empresários rurais, comerciantes, membros da sociedade civil, do governo e do estado, entre tantas identidades, forjadas na luta por um lugar ao sol, quase sempre difícil dadas as intensas chuvas que assolam a região.

Otávio Velho fez a viagem da volta ao terreno onde, de fato, sempre esteve encarnado e materializado no diálogo com trabalhos acadêmicos produzidos ao longo das quatro décadas celebradas pelo evento *Fronteiras na Amazônia*. Suas palavras reverberaram no espaço em que, pelos clássicos que escreveu seu nome, tantas vezes foi evocado por estudiosos das frentes de expansão. Na conferência de abertura do evento, incluiu-se, ele mesmo, no rol dos que lhe citam e voltam ao seu trabalho para discutir pertinências. O bom do retorno é que vem sem nenhum incômodo que a homenagem pudesse provocar. Veio com ânimo de quem (re)começa, como sábios que acumulam ao longo da construção do saber, reconhecidamente limitado e, por isso, sempre passível de revigorar-se pela superação.

Na presença de colegas, ex-alunos e novos discípulos, Otávio Velho reflete sobre o valor do trabalho de campo e seu impacto na construção da compreensão do mundo, de si mesmo e do outro, tão caros à Antropologia no momento de sua vinda a Marabá, no final dos anos 1960. O autor pontua todos os elementos que teriam dado dimensão histórica e consistência acadêmica ao seu estudo. Ele evoca o seu orientador acadêmico, Roberto Cardoso de Oliveira, personagem marcante na Antropologia brasileira pelas contribuições como intelectual e formulador de programas de pós-graduação no Museu Nacional, na

Universidade de Brasília e na Universidade de Campinas. Reconhece, o homenageado, a importância da observação, do registro, da experiência vivida no campo e do diálogo com os teóricos que lhe influenciaram na construção de sua perspectiva antropológica.

A fala transcrita do antropólogo é texto rico de sentimento, razão, rigor, vigor e honestidade no desnudar potencialidades e limites dos meandros do pensar o mundo em transformação. Ele demonstra e assume ter ficado magnetizado pela região, pelo acompanhamento do que nela ocorria, ocorreu e ocorre, reinterpretando-a por meio da volta freqüente ao material recolhido quarenta anos atrás, e da leitura de autores que se exercitam no mesmo terreno. A conferência feita em Belém expõe as ferramentas com as quais lapidou sua obra de intelectual, reconhecida nacional e internacionalmente. Essas ferramentas são os teóricos com os quais dialoga, além da realidade empírica registrada nos cadernos de campo, das orientações de iniciados em pesquisas, da participação em bancas de julgamento de dissertações e teses feitas com base no mesmo terreno temático e *locus* físico, as reflexões produzidas em outros campos, inspiradas em trajetória que teve como partida, a fronteira. O domínio da linguagem se manifesta pela elegância e esmero com que diz o que viu e interpretou, atraindo e conduzindo o leitor e espectador pelas sinuosidades do conhecimento complexo e que não pode e nem deve ser simplificado, tal qual as frentes de expansão que analisa.

Raymundo Heraldo Maués oferece, em sua intervenção, elementos teóricos estruturais que permitem uma leitura precisa da obra de Otávio Velho no contexto em que é construída. Ao revelar a fonte alimento do professor e colega, ele demonstra os conceitos fundamentais elaborados por Cardoso de Oliveira, que foi seu mestre e de Otávio Velho. O conceito de colonialismo interno, utilizado sobretudo no conhecimento de grupos étnicos, no bojo de uma trajetória intelectual intensa e interativa com outros intelectuais de peso, como Darcy Ribeiro, Pablo Casanova, Gonzalo Aguirre Beltrán, Jacques Lambert, Gunnar Myrdal e C. Wright Mills, é um dos marcos da mudança de paradigma da Antropologia brasileira na década de 60 e 70, do século XX, assim como dos conceitos de fronteira e campesinato. A mudança teria consistido na saída do culturalismo dominante para abordagens sob influência do estruturalismo, marxismo e da sociologia francesa. Heraldo Maués situa a projeção dos conhecimentos

antropológicos e as transformações ocorridas neste campo pelas manifestações nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), referência das abordagens teóricas em processo. A reunião da ABA em 1966, em Brasília, e a viagem de campo de Otávio Guilherme Velho para a microrregião de Marabá, no mesmo ano, são os pontos de partida da análise sobre a mudança de paradigmas e do papel das contribuições teóricas de Velho nesse processo.

Delma Pessanha Neves elege os camponeses, como alvo, para abordar as contribuições de Otávio Guilherme Velho. Ela demonstra a forma como o autor se posiciona frente ao texto que constrói, o que favorece a compreensão do leitor para analisar a perspectiva e os objetivos que o homenageado pretende alcançar na interpretação dos dados colhidos em campo. A autora mostra as possibilidades de leituras abertas pelos textos de Velho, por conta da forma de exposição que foge aos enquadramentos dogmáticos e reificados das categorias de análise, explorando as contradições, as complexidades, as idiossincrasias manifestadas de cada situação, fato e sujeito observado. Ela utiliza um conjunto de textos do antropólogo, tendo como centro do debate o campesinato, produzidos e publicados ao longo dos quarenta anos compreendidos entre 1966 e 2006. Delma demonstra a riqueza e coerência de sua abordagem, o que faz com que sejam sempre pertinentes e, portanto, atuais. Ela dedica sua exposição aos iniciados nas Ciências Sociais, alertando sobre pontos importantes na atividade de leitura e absorção de conceitos e categorias, o que torna sua intervenção uma contribuição singular.

Lívia Navegantes e Luiza Mastop-Lima apresentam uma leitura do território paraense nos últimos dez anos (1996-2006), com base em dados e vivências acumulados pelos membros do Laboratório Socioagrônomo do Tocantins (LASAT). As autoras oferecem uma visão panorâmica da dinâmica social na Região Sudeste do Pará, pela percepção de um grupo de pesquisadores acadêmicos que mantêm intenso diálogo e parceria com o movimento social expresso fundamentalmente pela ascensão do campesinato e da inserção da atividade de pesquisa na cena das disputas políticas naquela área e o que esta ascensão representa no contexto regional. O texto insere-se no diálogo com Otávio Guilherme Velho oferecendo lastro para a compreensão das projeções contidas na obra do

autor, o caráter de frente de expansão se materializando com o acirramento das contradições indicadas nas pesquisas feitas na década de 70.

Os povos indígenas presentes na Região Sul e Sudeste do Pará são sujeitos presentes no trabalho de Otávio Velho e ganham ordem de grandeza no debate, fazendo parte do diálogo pelas reflexões de Jane Felipe Beltrão. Senhores do território sob estudo, os índios têm os direitos ameaçados pela fronteira, fato demonstrado pela análise que, para além da constatação, indica que, hoje, como ontem, são relegados ao não-reconhecimento de seus direitos ao território em transformação, ainda que se manifestem com veemência em ações diplomáticas ou diretas, mal entendidas pelo conjunto da sociedade brasileira. Contextualizando as contribuições de Otávio Guilherme Velho na trajetória de sua formação intelectual, a autora revela como os antropólogos temperados nas atividades de campo brandem argumentos com força e pertinência que somente a associação entre teoria e prática permite construir.

Nem todo trabalho acadêmico consegue ser reconhecido pela elegância do texto e pela forma de provocar reações, como reflexões, interesses, vontades de se expressar e conversar sobre o que esteja posto para a leitura. Otávio Guilherme Velho tem o dom de ser inclusivo pela capacidade de sedução dos seus escritos. Ao se situar no texto, ele posiciona automaticamente o leitor e o elege parceiro, camarada e crítico. Ao apontar as situações e revelar os sujeitos da ação, as relações que se estabelecem entre os sujeitos e o espaço-território em que se projetam, o autor exige acordos e desacordos dos leitores. É sobre o estilo instigante de Otávio que Gutemberg Armando Diniz Guerra trabalha, comentando como os ciclos socioeconômicos são plenos de humanidade na pluma do homenageado, mantendo a conversa sobre lugares distantes trazidos para as salas de aula, conferências e palestras, em carne e osso. A descrição e análise dos ciclos é a demonstração da atividade humana materializada em personagens que desfilam, agem e representam interesses de suas categorias sociais. Patrões, empresários, castanheiros, posseiros, vaqueiros, garimpeiros, militares, camponeses, ribeirinhos, todos estão ali, compondo o mosaico das representações sociais, cuidadosamente montado e lapidado por Otávio Velho. A conversa se anuncia interminável, inesgotável e proveitosa, sobre os confins que pouco a pouco, mas intensamente, reconhecem os horizontes intelectuais sem descuidarem dos demais segmentos da

sociedade brasileira que desde o começo costuram a cidadania na Amazônia.

À leitura sem mais conversas!

Gutemberg Armando Diniz Guerra

Jane Felipe Beltrão